

A invenção da modernidade literária

[The invention of literary modernity]

<http://dx.doi.org/10.11606/1982-88372237401>

Rafael Guimarães Tavares da Silva¹

Resenha de: MEDEIROS, Constantino Luz de. *A invenção da modernidade literária: Friedrich Schlegel e o romantismo alemão*. 1. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2018.

Friedrich Schlegel, um dos nomes principais do Primeiro Romantismo Alemão [*Frühromantik*], não é uma figura muito conhecida do público brasileiro, apesar de seu nome vir sempre citado – junto ao de seu irmão, August – por grandes manuais que destacam a importância de sua atividade literária e filológica. Esse desconhecimento deve-se, sem dúvida, em parte, à dificuldade de seus escritos, acusados em sua própria época de serem ininteligíveis, e à complexidade de suas referências filosófico-literárias. Em parte, contudo, esse desconhecimento se deve também à pequena quantidade de traduções para o português de sua vastíssima obra (em alemão). Desde as importantes traduções e pesquisas de Márcio Suzuki, do qual cumpre destacar o livro *O Dialeto dos Fragmentos* (SCHLEGEL 1997), essa carência tem sido paulatinamente suprida, mas nunca antes de forma tão sistemática e dedicada como com os trabalhos recentes de Constantino Luz de Medeiros.

Verdadeiro defensor do espírito primeiro-romântico alemão entre nós, o pesquisador tem publicado inúmeros artigos dedicados a divulgar o tema e aprofundar suas pesquisas desde 2010. Em 2015, Medeiros lançou um estudo preliminar sobre Friedrich Schlegel seguido de uma tradução de seu texto *Relato sobre as obras poéticas*

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, 31270-901. E-mail: gts.rafa@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-8985-8315



de *Giovanni Boccaccio*, como fruto de sua pesquisa de mestrado. No ano seguinte, veio a lume a tradução dos *Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803): seguido de Conversa sobre poesia* (SCHLEGEL 2016), num trabalho de tradução conjunta com Márcio Suzuki. Pouco depois, publicou ainda a tradução de *Sobre o estudo da poesia grega* (SCHLEGEL 2018), precedido de uma interessante apresentação sobre “[o] antigo e o moderno em Friedrich Schlegel”.

Na linha desse esforço deliberado de construção do conhecimento em torno de seu objeto de predileção, Medeiros publicou em livro – também em 2018 – o fruto de sua pesquisa de doutorado, *A invenção da modernidade literária: Friedrich Schlegel e o romantismo alemão*. A fim de sugerir a importância desse título no horizonte intelectual brasileiro, gostaria de propor breves considerações sobre seu itinerário argumentativo e os principais assuntos abordados por ele, não tanto para propor uma leitura crítica de matéria tão vasta no curto espaço de uma resenha, mas apenas para incentivar a leitura e a discussão de um tema incontornável para os estudos literários e filosóficos.

Medeiros abre o primeiro capítulo de seu livro com considerações que buscam fundamentar sua opção por dividi-lo em grandes seções dedicadas respectivamente à história, à crítica e à teoria, a partir dos escritos de Schlegel. Nas palavras do estudioso:

O que toma corpo no primeiro romantismo alemão é o processo de reconfiguração dos discursos da teoria, da crítica e da história da literatura. Esse processo acompanha o surgimento de obras que apontam para a própria constituição ou que refletem sobre o fazer artístico, como *Lucinde* (1799) e *Conversa sobre a poesia* (1800), de Friedrich Schlegel, exemplos de literatura que produz a própria teoria. (MEDEIROS 2018: 17-18).

Desenvolvendo sua argumentação segundo tal tripartição – cuja influência sobre os estudos literários posteriores é necessário destacar, na linha do que se pode constatar em escritos de autores tão diversos quanto Chklovski, Wellek, Todorov e Compagnon, por exemplo –, Medeiros aprofunda indicações sugeridas por Nancy e Lacoue-Labarthe (1978), ao demonstrar a importância tanto da literatura para a obra de Schlegel quanto de Schlegel para a literatura. Ao mesmo tempo, evita as armadilhas apontadas pelos ensaios de Beiser (2003) e Frank (2004), ao levar em conta a dimensão filosófica do pensamento desse autor para a interpretação de suas considerações sobre literatura, crítica e história.

Guiado por tais princípios, Medeiros (2018: 17-36) dedica a primeira parte de seu primeiro capítulo à biografia de Friedrich Schlegel, sobretudo naquilo que a mesma revela de fundamental para a constituição de seus escritos: em sua educação religiosa; em suas leituras de Herder, Winckelmann e Lessing; em sua troca epistolar com seu irmão,

August; em suas amizades com Novalis, Fichte e Schelling, até a constituição da “constelação romântica”, por volta de 1796, e sua posterior dissolução, poucos anos depois, em 1801. Essa introdução funciona muito bem como forma de apresentação da relação entre as vidas desses estudiosos e suas obras, cabendo destacar a coerência prático-teórica do grupo durante todo o tempo em que esteve junto. Tem-se uma ideia do que seriam suas reuniões a partir daquilo que Schlegel apresenta – sob pseudônimos – em sua *Conversa sobre poesia*, publicado em 1800.

Na sequência, Medeiros (2018: 37-55) dedica profundas considerações à resolução schlegeliana da antinomia entre antigos e modernos. Procedendo a uma leitura comparativa do texto de Schiller, *Sobre poesia ingênua e sentimental*, publicado pouco antes de Schlegel dar a lume o outro texto dessa leitura comparativa, *Sobre o estudo da poesia grega*, Medeiros indica em que pontos essas propostas convergem e a partir de onde elas passam a divergir, retomando e aprofundando pontos anteriormente defendidos por um estudo de Jauss (1974). Sugerindo que as noções schillerianas de ingênuo e sentimental não coincidem com o que Schlegel afirma sobre o objetivo e o interessante, o estudioso defende que subjaz às duas propostas o interesse de destacar as diferenças qualitativas entre modos praticamente opostos de se fazer poesia. Embora esses modos não sejam estritamente ligados a uma diferença entre poetas antigos e modernos – posto que alguns modernos apresentariam características ingênuas (para falar como Schiller) ou objetivas (para falar como Schlegel) –, haveria uma tendência geral que diferenciaria a poesia antiga da moderna. É interessante destacar, contudo, que, embora ambos os autores louvem a perfeição da poesia antiga, seus escritos mantêm certa abertura para uma compreensão positiva da moderna (MEDEIROS 2018: 45). No caso de Schlegel, é nesse sentido que se deve compreender o que ele virá a desenvolver sob o conceito de “poesia romântica, universal e progressiva”, tal como proposto no célebre fragmento 116 da revista *Athenäum*.

Ainda no interior da seção dedicada à “História”, Medeiros (2018: 57-70) indica os possíveis precursores do pensamento histórico que Schlegel desenvolverá em seus estudos literários: Vico, Herder e Winckelmann, além de Friedrich August Wolff e Christian Gottlob Heyne, cujo aporte filológico foi imprescindível para sua formação. Para isso, o autor leva adiante importantes sugestões avançadas por Isaiah Berlin (1982 e 2015), demonstrando de que modo as mesmas se aplicariam ao pensamento específico de Schlegel. Nesse sentido, chama atenção a amplitude das referências literárias que o

estudioso veio a demonstrar em suas preleções sobre a literatura europeia (ministradas entre 1803-1804, em Paris, e 1812, em Viena): autores gregos e latinos antigos, cristãos, alemães, italianos, franceses, ocitânicos, ingleses, espanhóis e portugueses, entre outros, são citados, analisados e articulados, em leituras a partir de suas línguas originais, numa verdadeira demonstração virtuosística dos dotes intelectuais do estudioso.

A segunda seção do livro, dedicada à “Crítica”, volta-se para a incontornável questão da *Bildung* [formação] romântica. Sugerindo a forma como uma crítica aos filisteus (isto é, aos pequenos burgueses cuja conduta se pautava apenas por um utilitarismo de base mecanicista) se concatenava nos escritos românticos – mesmo naqueles de caráter romanesco – a uma proposta de intervenção na sociedade, Medeiros (2018: 84) indica a concepção de intelectual defendida por autores como Schlegel e Novalis. Aprofundando os apontamentos de Radrizzani (1997), o autor argumenta que o diálogo com as ideias de Fichte é fundamental para seu entendimento de que a poesia – em sua acepção romântica, isto é, como princípio de criação de toda a atividade artística em sua dimensão crítica – deveria se revelar um *medium* fundamental para que o poeta e o crítico pudessem conduzir seus contemporâneos ao absoluto.

Dentre os expedientes críticos disponíveis ao romântico a fim de cumprir sua destinação, cumpre destacar a ironia romântica, o chiste e a alegoria. Medeiros (2018: 91-107) propõe uma clara distinção entre as diferentes modalidades de ironia: retórica, socrática e romântica. Dando exemplos do modo por que obras românticas se valem dessa última modalidade mais refinada de ironia, como por meio de intervenções autorais, gracejos sérios e comentários metalinguísticos, desestabilizando os mais básicos pressupostos comunicacionais e abrindo a possibilidade para certo dialogismo, o estudioso destaca a importância do recurso para o desenvolvimento do que veio a se firmar como a literatura moderna. Dentre os exemplos de autores aventados como praticantes dessa modalidade romântica de ironia estão Miguel de Cervantes, Laurence Sterne, Jean Paul e Machado de Assis.

Essa seção encerra-se com considerações sobre o procedimento crítico da “caracterização” [*Charakteristik*], tal como desenvolvido por Schlegel. Com o fim de “concretizar a máxima de que um texto crítico-literário deve ser ele mesmo uma obra de arte, isto é, um complemento de criação artística, tornando a poesia mais poética e a crítica ainda mais crítica” (MEDEIROS 2018: 109), Schlegel propõe uma série de textos de fino apuro literário – arrogando para si a distinção de um gênero desenvolvido na própria

antiguidade, com os *Caracteres* de Teofrasto – sobre autores importantes, como Johann Wolfgang Goethe, Georg Forster, Giovanni Boccaccio e Gotthold Ephraim Lessing. Nesses textos, ressalta-se a singularidade [*Eigentümlichkeit*] do autor interpretado, a partir da qual se avançam juízos mais gerais sobre sua obra no interior da história literária (MEDEIROS 2018: 116-117).

A terceira seção do livro, dedicada à “Teoria”, começa com a explicitação de algo que já havia sido esboçado: o desenvolvimento do conceito de romântico desde seu uso na Antiguidade e na Idade Média até o sentido reivindicado pelos *Frühromantiker* e que passava a compreender “[a] aproximação entre antigo e moderno, filosofia e poesia, a mescla de temas e formas literárias, o entrecruzar de política e estética” (MEDEIROS 2018: 141). Em seguida, passa-se a uma elaboração do conceito de “poesia romântica, universal, progressiva”, que, embora anteriormente mencionado, só nesse momento do livro pode receber um tratamento capaz de sugerir a profundidade de que a noção desfruta no pensamento de Schlegel: em seu recurso à ironia romântica, à combinação de diferentes gêneros literários, à mescla de elementos do fantástico (imaginação criativa), do mímico (representação objetiva do histórico) e do sentimental (reflexão do sujeito), além de um compromisso com a *Bildung* [formação] e com o desenvolvimento de uma nova mitologia, numa incompletude que se revela uma forma de abertura ao porvir (MEDEIROS 2018: 145-154).

Na sequência da argumentação, Medeiros (2018: 159-167) propõe uma revisão sobre a discussão em torno da “teoria do romance”, concentrando-se nas implicações alemãs dessa questão, sobretudo a partir do surgimento do romance moderno burguês na Inglaterra do séc. XVIII. A essa concepção burguesa de romance parece se opor aquela que vem a ser delineada pelos *Frühromantiker* (de modo explícito sobretudo a partir da obra *Conversa sobre poesia*, de Schlegel), segundo a qual o romance seria a poesia romântica mais originária, cuja diferença em relação a outros gêneros residiria na capacidade de constituir uma mistura de todas as formas literárias, mesclando em suas determinações o lírico, o épico e o dramático (MEDEIROS 2018: 167). Em sua dimensão dialógica e aberta, essa concepção de romance preconizaria a quebra da linearidade narrativa e dos critérios miméticos de representação da realidade (segundo os critérios aristotélicos da verossimilhança e da causalidade), em prol da possibilidade de se recorrer ao sentimental e ao fantástico (no limite, ao grotesco). Schlegel teria levado a cabo essas ideias em seu livro *Lucinde*, publicado em 1799, causando um verdadeiro choque no

público, devido à matéria e à estrutura de sua narrativa (FIRCHOW 1971). Não há espaço para apreciar aqui o grau de novidade e riqueza desse livro, mas gostaria de deixar registrada a necessidade de que seja publicada o quanto antes uma tradução do mesmo para que também o público brasileiro possa apreciá-lo.

Encaminhando a conclusão de seu livro, Medeiros (2018: 183) avança algumas considerações sobre o importante uso que o fragmento vem a encontrar entre os românticos:

A característica dialógica do fragmento realça a crença na sociabilidade e no poder da criatividade artística que o primeiro romantismo alemão tem como uma de suas ideias centrais. O fragmento romântico não representa uma parte que se descolou ou quebrou do todo, um *Bruchstück*, mas um pedaço autônomo do todo (autônomo, porém, organicamente relacionado ao todo), criado intencionalmente de modo a deixar em aberto sua resolução. (MEDEIROS 2018: 183).

Ainda que reconheça suas afinidades com uma tradição iniciada com autores franceses – como Montaigne, Pascal e Chamfort – e presente já num alemão como Herder, Medeiros (2018: 183-194) destaca de que modo o fragmento adquire um estatuto central na obra de Schlegel, na medida em que combina uma série de pontos fundamentais de seu pensamento: a temática da mediação entre finito e infinito, a concisão e capacidade de polêmica do *Witz* [chiste], a conciliação entre uma perspectiva não-sistemática e uma holística, além de uma abertura para certa urbanidade e dialogismo que é a base para as formas de sinfilosofia e simposia pregadas por Schlegel como aspectos da *Bildung* [formação] delineada por seu projeto. Nesse sentido, o fragmento pode ser lido como uma espécie de alegoria para o próprio *Frühromantik*, especialmente nas obras de Schlegel.

O livro *A invenção da modernidade literária* condensa o resultado de anos dedicados por Constantino Luz de Medeiros à pesquisa dos *Frühromantiker*, com ênfase nos escritos de Schlegel, e revela o grau de maturidade de seu pensamento sobre inúmeras questões fundamentais para os estudos literários. A importância que o mesmo há de desenvolver para a formação dos leitores brasileiros que se interessam pelas áreas de Letras, Filosofia e História ou, ainda, pelas Humanidades em geral, já pode ser entrevista pela própria formulação com que seu autor o conclui, ao afirmar o seguinte:

Através de seus ensaios, romances, cartas, novelas e fragmentos, os jovens do primeiro romantismo alemão concretizaram a máxima de Friedrich Schlegel de que era necessário realizar uma revolução estética nos estudos de literatura. Ao aproximar reciprocamente poesia e filosofia, crítica e criação literária, eles renovaram os discursos da literatura, inaugurando, assim, a modernidade literária. (MEDEIROS 2018: 194).

Referências bibliográficas

- BEISER, Frederick. *The Romantic Imperative: The Concept of Early German Romanticism*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2003.
- BERLIN, Isaiah. *As raízes do romantismo*. Trad. Isa Mara Lando. 1. ed. São Paulo: Três Estrelas, 2015.
- _____. *Vico e Herder*. Trad. Juan Antonio Gili Sobrinho. Brasília: Editora da UnB, 1982.
- FIRCHOW, Peter. *Lucinde and the Fragments*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971.
- FRANK, Manfred. *The Philosophical Foundations of Early German Romanticism*. New York: State University of New York Press, 2004.
- JAUSS, Hans Robert. Schlegels und Schillers Replik auf die ‘Querelle des Ancients et des Modernes’. In: JAUSS, Hans Robert. *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1974.
- MEDEIROS, Constantino Luz de. *Friedrich Schlegel: “Relato sobre as obras poéticas de Giovanni Boccaccio”*: tradução e estudo preliminar. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2015.
- _____. *A invenção da modernidade literária: Friedrich Schlegel e o romantismo alemão*. 1. ed. São Paulo: Iluminuras; UFMG, 2018.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe; Nancy, Jean-Luc. *L’Absolu littéraire: théorie de la littérature du romantisme allemand*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- RADRIZZANI, Ives. Zur Geschichte der romantischen Ästhetik: Von Fichtes Transzendentalphilosophie zu Schlegels Transzendentalpoesie. In: SCHRADER, Wolfgang H. *Fichte und die Romantik*. Fichte-Studien. Band 12. Amsterdam: Rodopi, 1997.
- SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.
- _____. *Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803): seguido de Conversa sobre poesia*. Tradução e notas de Constantino Luz de Medeiros e Márcio Suzuki. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- _____. *Sobre o estudo da poesia grega*. Tradução de Constantino Luz de Medeiros. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2018.

Recebido em 21 de dezembro de 2018

Aceito em 09 de janeiro de 2019